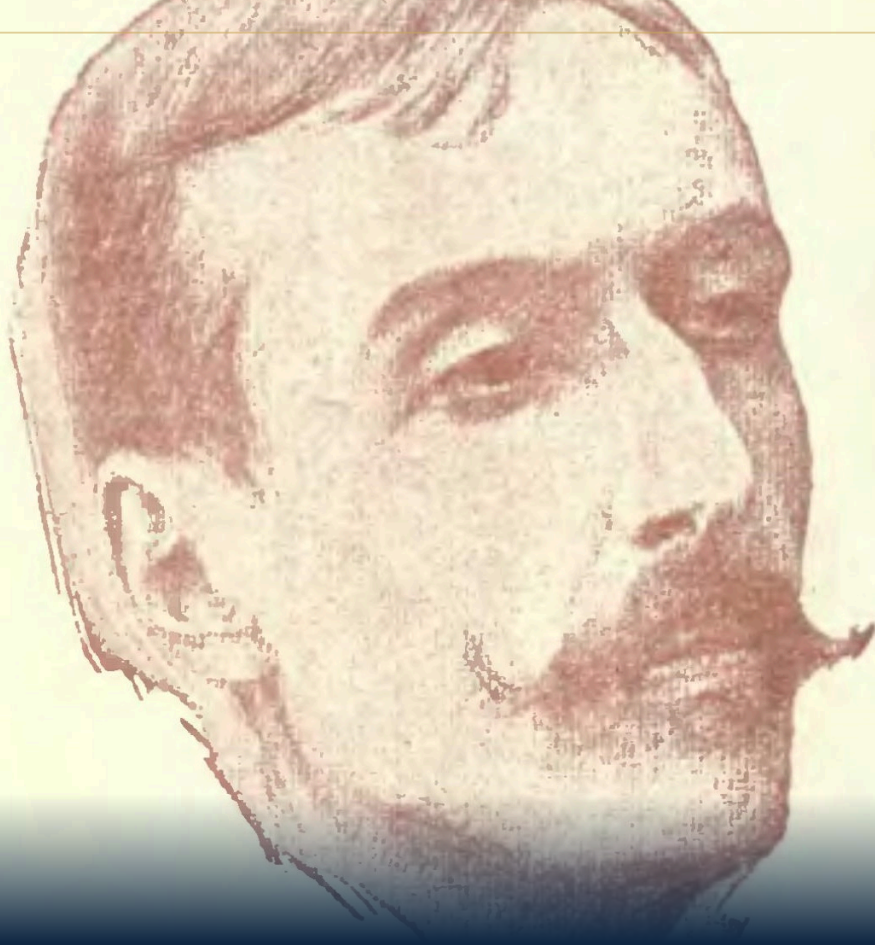




EÇA DE QUEIRÓS

O Crime do Padre Amaro



JVA Editora

EÇA DE QUEIRÓS

O Crime do Padre Amaro

Primeira publicação: 1875
Edição de domínio público

JVA Editora

Nota de editor: Devido à quantidade de erros tipográficos existentes neste texto, foram tomadas várias decisões quanto à versão final. Em caso de dúvida, a grafia foi mantida de acordo com o original. No final deste livro encontrará a lista de erros corrigidos.

Rita Farinha (Abril 2010)

O CRIME DO PADRE AMARO

Obras do mesmo auctor:

Os Maias. 2 grossos volumes.	2\$000
O Crime do Padre Amaro. Terceira edição inteiramente refundida, recomposta, e differente na forma e na acção da edição primitiva. 1 grosso volume.	1\$200
O Primo Bazilio. Segunda edição. 1 grosso volume.	1\$000
A Reliquia. 1 grosso volume.	1\$000
O Mandarin. Segunda edição. 1 volume.	500

No prelo:

Correspondencia de Fradique Mendes. 1 volume.

EÇA DE QUEIROZ

—

**O CRIME
DO
PADRE AMARO**

SCENAS DA VIDA DEVOTA

TERCEIRA EDIÇÃO

*Inteiramente refundida, recomposta, e differente na fórma
e na acção da edição primitiva*



PORTO
LIVRARIA INTERNACIONAL DE ERNESTO CHARDRON
Casa editora
LUGAN & GEMELIOUX, Successores
1889

Todos os direitos reservados

Porto: Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Cancellia Velha, 70

NOTA

(DA 2.^a EDIÇÃO)

O Crime do Padre Amaro recebeu no Brazil e em Portugal alguma attenção da Critica, quando foi publicado ulteriormente um romance intitulado—O PRIMO BAZILIO. E no Brazil e em Portugal escreveu-se (sem todavia se adduzir nenhuma prova effectiva) que O CRIME DO PADRE AMARO era uma imitação do romance do snr. E. Zola —LA FAUTE DE L'ABBÉ MOURET; ou que este livro do auctor do ASSOMOIR e de outros magistraes estudos sociaes suggerira a idéa, os personagens, a intenção do CRIME DO PADRE AMARO.

Eu tenho algumas razões para crêr que isto não é correcto. O CRIME DO PADRE AMARO foi escripto em 1871, lido a alguns amigos em 1872, e publicado em 1874. O livro do snr. Zola, LA FAUTE DE L'ABBÉ MOURET (que é o quinto volume da série ROUGON MACQUART), foi escripto e publicado em 1875.

Mas (ainda que isto pareça sobrenatural) eu considero esta razão apenas como subalterna e insufficiente. Eu podia, emfim, ter penetrado no cerebro, no pensamento do snr. Zola, e ter avistado, entre as fórmulas ainda indecisas das suas creações futuras, a figura do abbade Mouret,—exactamente como o veneravel Anchises no valle dos Elyseos podia vêr, entre as sombras das raças vindouras fluctuando na nevoa luminosa do Lethes, aquelle que um dia devia ser Marcellus. Taes coisas são possiveis. Nem o homem prudente as deve considerar mais extraordinarias que o carro de fogo que arrebatou Elias aos céos—e outros prodigios provados.

O que, segundo penso, mostra melhor que a accusação carece de exactidão, é a simples comparação dos dois romances. LA FAUTE DE L'ABBÉ MOURET é, no seu episodio central, o quadro allegorico da iniciação do primeiro homem e da primeira mulher no amor. O abbade Mouret (Sergio), tendo sido atacado d'uma febre cerebral, trazida principalmente pela sua exaltação mystica no culto da Virgem, na solidão d'um valle abraçado da Provença (primeira parte do livro), é levado para convalescer ao *Paradou*, antigo parque do seculo XVII a que o abandono refez uma virgindade selvagem, e que é a representação allegorica do Paraíso. Ahi, tendo perdido na febre a consciencia de si mesmo a ponto de se esquecer do seu sacerdocio e da existencia da aldeia, e a consciencia do universo a ponto de ter medo do sol e das arvores do *Paradou* como de

monstros estranhos—erra, durante mezes, pelas profundidades do bosque inculto, com Albina que é o genio, a Eva d'esse logar de legenda; Albina e Sergio, semi-nús como no Paraíso, procuram sem cessar, por um instinto que os impelle, uma arvore mysteriosa, da rama da qual cae a influencia aphrodisiaca da materia procreadora; sob este symbolo da Arvore da Sciencia^[VII] se possuem, depois de dias angustiosos em que tentam descobrir, na sua innocencia paradisiaca, o meio physico de realizar o amor; depois, n'uma mutua vergonha subita, notando a sua nudez, cobrem-se de folhagens; e d'ahi os expulsa, os arranca o padre Archangins, que é a personificação theocratica do antigo Archanjo. Na ultima parte do livro o abbade Mouret recupera a consciencia de si mesmo, subtrae-se á influencia dissolvente da adoração da Virgem, obtem por um esforço da oração e um privilegio da graça a extincção da sua virilidade, e torna-se um asceta sem nada d'humano, uma sombra cahida aos pés da cruz; e, é sem que lhe mude a côr ao rosto que asperge e responsa o esquife de Albina, que se asphyxiou no *Paradou* sob um montão de flôres de perfumes fortes.

Os criticos intelligentes que accusaram O CRIME DO PADRE AMARO de ser apenas uma imitação da FAUTE DE L'ABBÉ MOURET não tinham infelizmente lido o romance maravilhoso do snr. Zola que foi talvez a origem de toda a sua gloria. A semelhança casual dos dois titulos induziu-os em erro.

Com conhecimento dos dois livros, só uma obtusidade cornea ou má fé cynica poderia assemelhar esta bella allegoria idyllica, a que está misturado o pathetico drama d'uma alma mystica, ao CRIME DO PADRE AMARO que, como podem vêr n'este novo trabalho, é apenas, no fundo, uma intriga de clérigos e de beatas tramada e murmurada

á sombra d'uma velha Sé de provincia portugueza.

Aproveito este momento para agradecer á Critica do Brazil e de Portugal a attenção que ella tem dado aos meus trabalhos.

Bristol, 1 de janeiro de 1880.

Eça do Queiroz.